



Parques de Sintra
Monte da Lua



um novo plano museográfico para o Palácio Nacional de Sintra

workshop, 14-15 fevereiro 2020

Introdução

Os Palácios Nacionais devem ser repositórios de peças de mobiliário e decoração característicos, quadros retrospectivos ou pelo menos cenário evocador de passos da nossa História, demonstrações de bom gosto, - só assim eles assumem a importância que devem ter como padrões de cultura, só assim se podem justificar como elemento atraído de turistas.¹

Raul Lino, 4 Janeiro 1939

A história do Palácio Nacional de Sintra – ou simplesmente o Paço da Vila – (PNS) estende-se ao longo de mil anos. No entanto, o racionalismo modernista que enformou a reorganização dos palácios nacionais portugueses durante a década de 1930 criou identidades delimitadas no tempo para cada um desses edifícios históricos. A Vila passou a ser o representante dos palácios tardo-medievais em Portugal. As limitações deste modelo são hoje evidentes. Para além de reduzir o espetro cronológico a apenas uma parcela cuja representatividade é discutível, a complexidade histórica por detrás dessa parcela é também ela reduzida à suposta agência de dois ou três monarcas. Esta narrativa, desenhada nas vésperas das comemorações da fundação e restauração da nacionalidade organizadas pelo Estado Novo, necessita, portanto, de ser revista.

A obsolescência da narrativa expositiva oferece então a oportunidade de desenvolver um plano museográfico com um suporte teórico mais atualizado. Mais do que uma evocação de momentos históricos, a nova museografia deverá também ser uma plataforma para pensar historicamente. Por outras palavras, deverão ser criadas as condições para que o visitante possa refletir sobre dinâmicas sociais e sobre a forma como um palácio é o resultado de interações entre indivíduos e entidades não-humanas, como o são os recursos naturais envolventes ou outros objetos móveis ou imóveis. Revela-se, portanto, pertinente analisar como é que o palácio se constrói enquanto espaço, ou seja, quais os mecanismos que explicam a constante utilização do edifício durante quase um milénio. Este exercício pressupõe, portanto, que o palácio seja visto, não apenas como um edifício, mas como uma construção social que se materializa numa solução arquitetónica. Assim, a nova museografia do PNS deverá ter em conta os processos históricos que determinaram a recorrente necessidade de conservar, expandir ou até mesmo de amputar o edifício.

É para responder a esta problemática que se organizará nos dias 14 e 15 de fevereiro de 2020 um encontro entre investigadores e profissionais de museus. Reunindo pessoas de diversas áreas científicas, este encontro será um primeiro passo para abrir o palácio à comunidade, criando uma oportunidade para gerar uma reflexão conjunta sobre aquele que é um dos principais monumentos nacionais portugueses. O objetivo principal será o de avaliar quais os temas que não poderão ficar de fora da futura narrativa expositiva e de que forma deverão ser abordados.

¹ LINO, Raul, “Cópia de Exposição da Superintendência Artística dos Palácios Nacionais”, 20 de Janeiro de 1939. Arquivo do PNS, Pasta Ofício Recebidos, 1939, n.4.

Participantes

Ana Alcântara

Instituto Politécnico de Setúbal / Escola Superior de Educação
NOVA-FCSH / Instituto de História Contemporânea

António Nunes Pereira

Parques de Sintra – Monte da Lua, SA
Palácios Nacionais da Pena, de Queluz e de Sintra, e Palácio de Monserrate

Bruno A Martinho

Parques de Sintra – Monte da Lua, SA
Palácio Nacional de Sintra

Cristina Roldão

Instituto Universitário de Lisboa / Centro de Investigação e Estudos em Sociologia
Instituto Politécnico de Setúbal / Escola Superior de Educação

Francisco Bethencourt

King's College London

Gonçalo de Carvalho Amaro

Museu de São Roque
NOVA-FCSH / Instituto de História Contemporânea

Hermenegildo Fernandes

Universidade de Lisboa / Centro de História

Isabel dos Guimarães Sá

Universidade de Minho / Departamento de História
Universidade de Minho / Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS)

Leonor Freire Costa

Universidade de Lisboa / Instituto Superior de Economia e Gestão

Miguel Metelo de Seixas

NOVA-FCSH / Instituto de Estudos Medievais

Nuno Senos

NOVA-FCSH / CHAM - Centro de Humanidades

Pedro Urbano

NOVA-FCSH / Instituto de História Contemporânea

Rita Costa Gomes

Towson University / History Department

Programa

14 de fevereiro

09.00 Receção e Visita livre ao Palácio

09.45 Intro

Sessão 1 - Públicos

Moderador: Cláudio Marques

10.00 Pedro Urbano

10.10 Cristina Roldão

10.20 Discussão

11.20 Pausa para café

Sessão 2 - Tempo

Moderador: Fernando Montesinos

11.50 Francisco Bethencourt

12.00 Leonor Freire da Costa

12.10 Discussão

13.10 Almoço livre

Visita Técnica

14.30 Visita Técnica ao Palácio (Parte I)

16.00 Pausa para café

Sessão 3 - Espaço

Moderador: Ana Alcântara

16.30 Rita Costa Gomes

16.40 Miguel Metelo de Seixas

16.50 Discussão

17.50 Encerramento

19.00 Jantar

1. Públicos

Definir os públicos-alvo da nova museografia e os esforços que devem ser empreendidos para estabelecer pontes eficazes. Identificar limitações e constrangimentos na relação com os públicos atuais, bem como nas que se pretendem construir com novos públicos.

2. Tempo

Definir qual deverá ser o espectro cronológico da nova museografia. Tensões e limitações das opções possíveis. Tempo curto vs. tempo longo. Tempo cíclico.

3. Espaço

O palácio enquanto espaço socialmente construído. Como deve o edifício refletir as interações sociais das quais é produto e produtor. Identificar formas de revelar a relação entre o edifício e dinâmicas sociais.

15 de fevereiro

09.30 Receção

09.45 Intro

Sessão 4 - Edifício

Moderador: António Nunes Pereira

10.00 Hermenegildo Fernandes

10.10 Nuno Senos

10.20 Discussão

11.20 Pausa para café

Visita Técnica

11.50 Visita Técnica ao Palácio (Parte II)

13.10 Almoço livre

Sessão 5 – Cultura Material

Moderador: Bruno A Martinho

14.40 Isabel dos Guimarães Sá

14.50 Gonçalo de Carvalho Amaro

15.00 Discussão

16.00 Pausa para café

Sessão 6 – Narrativas em património

Moderador: Gonçalo de Carvalho Amaro

16.30 Bruno A Martinho

16.40 António Nunes Pereira

16.50 Discussão

17.50 Encerramento

4. Edifício

Como integrar as incontáveis transformações do palácio num discurso coerente para o visitante. Que fazer com o edifício desaparecido, mas cujas referências sobrevivem.

5. Cultura Material

Como integrar uma coleção de objetos que apenas deu entrada neste palácio após a década de 1930 e que é maioritariamente constituída por mobiliário dos séculos XVII e XVIII proveniente de contextos díspares. Como lidar com os objetos de proveniência desconhecida.

6. Narrativas em Património

Como conciliar as múltiplas narrativas possíveis num único percurso. Como conciliar o edifício, a coleção e a história que se pretende contar.